



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

“CRISES NERVOSAS DA PRESIDENTE”!?

SOBRE A GENERIFICAÇÃO DO HUMOR POLÍTICO NO CIBERESPAÇO BRASILEIRO

Fagner Carniel

fcarniel@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Julia de Oliveira Ruggi

ju_pr@hotmail.com

Universidade Federal do Paraná

Brasil

Lennita Oliveira Ruggi

lennitaruggi@hotmail.com

Universidade Federal do Paraná

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Esta pesquisa considera a difusão de conteúdos anônimos na Internet enquanto práticas de representação capazes de impactar as percepções sobre a vida política contemporânea. O uso do humor contra uma autoridade pública é provavelmente tão antigo quanto a própria ideia de autoridade, mas os alvos e os veículos diferem muito de acordo com o contexto. Atualmente, há piadas e deboches especificamente direcionados às mulheres na vida política. Ao se debruçar sobre tais modos de generificação do humor político no ciberespaço, esta investigação baseia-se principalmente em fontes primárias e seu escopo é composto de *memes* que circulavam em redes sociais relacionados ao golpe contra a presidenta Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores. O período pesquisado inclui a Copa do Mundo (organizada pelo Brasil em junho de 2014) e vai até a votação final do impeachment pelo Senado (agosto de 2016). Durante este período também ocorreu a campanha que reelegeu a presidenta. A abordagem teórica é inspirada na teoria política feminista, notadamente a estadunidense Iris Young, e as estudiosas brasileiras Flavia Birolli, Luis Felipe Miguel e Léa Tosold. Nossa análise demonstra a disseminação de um discurso inequívoco e quase unânime enquadrado por padrões misóginos. Este discurso não foi representado exclusivamente nos *memes*, no entanto, o uso de imagens e humor desse instrumento tem uma capacidade sintética que merece um exame minucioso. Propomos uma interpretação dos *memes* usando como inspiração as sete técnicas identificadas por Berit As em sua Teoria sobre Técnicas de Dominação (Theory of Master Suppression), a saber: (i) Tornar invisível, (ii) Ridicularizar, (iii) Reter Informações, (iv) Condenar duplamente, (v) Culpabilizar e envergonhar, (vi) Objetificar, e (vii) Ameaçar com violência. As acusações que levaram ao processo de impeachment estavam relacionadas com o crime de responsabilidade fiscal, porém não houve qualquer menção de tal crime nos 74 *memes* coletados. Por outro lado, observamos uma recorrência de questões tradicionalmente “femininas”, como aparência física, maternidade, sexualidade e “burrice”. A posição ideológica do Partido dos Trabalhadores também foi destacada em mais de um *meme*, como forma de ligação entre Dilma e seu antecessor e aliado político, o ex-presidente Lula. Uma das imagens consideradas, uma capa de revista que mais tardese tornou viral, representa Dilma gritando com a seguinte legenda da foto: “Crises nervosas da presidente”, ligando-a à instabilidade emocional. O objetivo desta pesquisa é identificar como os *memes* retrataram Dilma e as questões específicas de gênero que eles trazem. Destaca também as estratégias discursivas utilizadas contra Dilma nas redes sociais e inflamadas pelos meios de comunicação tradicionais durante as crises institucionais brasileiras. A análise dos *memes* constitui um método exploratório, valioso para ilustrar restrições contra mulheres políticas, com o objetivo de discutir a atual situação política brasileira e somar-se aos debates feministas internacionais.

Palavras-chave: Dilma Rousseff, Gênero; Representação; Memes; Sociologia Política.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

This research considers the dissemination of anonymous content on the Internet as a representative practice capable of influencing perceptions about contemporary political life. The use of humor against a public authority is probably as old as the very idea of authority, but targets and vehicles differ greatly according to context. Currently, there are jokes and larks specifically directed at women in politics. By focusing on such gendered modes of political humor in cyberspace, this research is based mainly on primary sources and its scope is composed of memes that circulated in social networks related to the coup against President Dilma Rousseff of the Workers' Party. The time frame encompasses the World Cup (hosted by Brazil in June 2014) until the final impeachment vote by the Senate (August 2016). During this period also occurred the campaign that re-elected the president. The theoretical approach is inspired by feminist political theory, namely the American author Iris Young, and Brazilian scholars Flavia Birolli, Luis Felipe Miguel, and Léa Tosold. Our analysis demonstrates the dissemination of an unequivocal and almost unanimous derogatory discourse framed by misogynists' standards. This discourse was not exclusively depicted in memes, nonetheless, their use of images and humor has synthetic capacity that deserves scrutiny. We propose an interpretation of the memes inspired by the seven techniques identified by Berit Ås in her Theory of Master Suppression, namely: (i) Making Invisible, (ii) Ridiculing, (iii) Withholding Information, (iv) Damned If You Do And Damned If You Don't, (v) Heaping Blame and Putting to Shame, (vi) Objectifying, and (vii) Force/threat of force. The accusations that led to impeachment proceedings were related to the crime of fiscal responsibility; however, there was no mention of such a crime whatsoever in the 74 memes collected. On the other hand, we observed a recurrence of traditional 'feminine' issues such as physical appearance, motherhood, sexuality, and "dumbness". The Workers' Party ideological position was also highlighted in more than one meme, as was the liaison between Dilma and her predecessor and political ally, former president Lula. One of the images considered, a magazine cover that later became viral, represents Dilma ungracefully shouting with the following photo caption: "Nervous crises of the President", linking her to emotional instability. The purpose of this research is to identify how memes portrayed Dilma and the specific gender issues they bring up. It also highlights the discursive strategies used against Dilma in social networks and inflamed by the mainstream media during Brazilian institutional crises. The analysis of memes constitute an exploratory method, valuable to illustrate constraints against female politicians, aiming to discuss the current Brazilian political situation and add to international feminist debates.

Keywords: Dilma Rousseff; Gender; Representation; Memes; Political Sociology.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Apresentação



“As explosões nervosas da presidente”,
Revista IstoÉ, 2016.

A primeira mulher a ocupar a Presidência da República no Brasil, Dilma Rousseff, assumiu o cargo em 2011 e se reelegeu em 2014. Em agosto de 2016, no entanto, um *impeachment* controverso pôs fim ao seu governo. Como economista, a maior parte de sua carreira anterior desenvolveu-se em cargos de gestão pública em governos liderados por partidos de esquerda. Uma das características mais conhecidas de sua biografia foi o engajamento na guerrilha contra a ditadura civil-militar, tendo sido presa e torturada por esta razão durante os anos de 1970. Atualmente, ela é divorciada, tem uma filha, um neto e vive com a mãe. Apesar de não assumir publicamente posturas feministas, as estratégias de *marketing* mobilizadas em suas campanhas estavam relacionadas com a construção de sua identidade como mulher – mesclando representações de “guerreira”, “mãe” e “profissional” (PANKE, 2016, p. 162). Seus mandatos presidenciais não foram consensualmente apoiados e não temos a intenção de identificá-la nestas páginas como uma espécie de “heroína”. Porém, entendemos que o *impeachment* de 2016 foi um golpe parlamentar orquestrado com fortes dimensões de gênero, pois os movimentos contrários ao seu governo combinaram preconceitos e estereótipos misóginos para deslegitimar sua imagem e seu governo.

Procuramos refletir neste artigo sobre as maneiras pelas quais determinadas representações sociais sustentaram narrativas públicas que não apenas desqualificaram as posições políticas e



ideológicas de Dilma, mas também reforçaram as desigualdades de gênero na política brasileira. Para isso, nossa investigação se concentrou em produções culturais muito particulares que foram mobilizadas no ciberespaço brasileiro entre o período que envolveu a realização da Copa do Mundo (organizada pelo Brasil em junho de 2014) e o final da votação do *impeachment* no Senado Federal (agosto de 2016). Tais produções, com conteúdos e interesses variados, caracterizaram-se tanto pela autoria anônima quanto pelo formato de *memes* que visavam satirizar a imagem de Dilma ao retratá-la a partir de diferentes estereótipos generificados. A intenção é problematizar as restrições contra as mulheres na esfera pública. A análise destes memes constitui um método exploratório que não pretende elucidar o comportamento político brasileiro, mas tem o objetivo de discutir aspectos contemporâneos de um imaginário cultural que se organiza no universo do *on-off-line*.

As acusações que levaram ao processo de impeachment estiveram relacionadas ao crime de responsabilidade fiscal; porém, não houve menção de tal crime em nenhum dos 74 memes coletados. Por outro lado, observamos uma recorrência de questões tradicionalmente “femininas”, como aparência física, maternidade, sexualidade e “falta de inteligência”. A posição ideológica do Partido dos Trabalhadores foi destacada em diversos memes, bem como a ligação entre Dilma e seu antecessor e aliado político, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A imagem que serve de epígrafe a este trabalho é a capa de uma revista de ampla circulação que foi ressocializada como *meme* e recebeu muitas críticas por parte dos movimentos feministas brasileiros. Registrada enquanto a presidenta assistia a uma partida de futebol do time brasileiro durante a Copa do Mundo, a fotografia foi reenquadrada como *meme* para representar instabilidade emocional e incompetência.

A política, como bem sabemos, é um ambiente governado por normas patriarcais e técnicas de dominação usadas tanto consciente quanto inconscientemente para afirmar e manter relações de poder que reificam posições privilegiadas excludentes às mulheres. O uso do humor contra a autoridade é provavelmente tão antigo quanto a própria figura da autoridade, mas os alvos, os formatos e os conteúdos diferem muito de acordo com cada momento. O que haveria de particular nas piadas e chacotas específicas dirigidas às mulheres políticas? Que tipos de preconceitos ou significados misóginos elas estariam disseminando?



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Os resultados desta investigação demonstram a circulação de narrativas inequívocas e quase unanimemente depreciativas que são enquadradas por padrões misóginos. Essas narrativas não foram representadas exclusivamente nos *memes*. Entretanto, o uso de imagens e de humor nos parece possuir uma capacidade expressiva e sintética que merece um exame minucioso.

As páginas que se seguem apresentam, em primeiro lugar, nossa abordagem teórica inspirada na teoria política feminista sobre participação e representação de mulheres na esfera institucional. A apresentação bibliográfica está interligada com dados contemporâneos sobre a distribuição de cargos eletivos por gênero e análises empíricas sobre a representação de atores políticos por parte dos meios de comunicação. Em seguida, propomos uma interpretação exploratória de *memes* que foram mobilizados nas redes sociais e impactaram a criação e a difusão de representações negativas a respeito de Dilma Rouseff junto à opinião pública do país. A estratégia metodológica de selecionar os *memes* contrários, e não aqueles favoráveis à Dilma, se deu pela necessidade de investigação do repertório cultural que favoreceu o golpe parlamentar de 2016, um dos principais episódios políticos ocorridos na história contemporânea do país. Desse modo, pretendemos argumentar que tais formas de participação política nas redes sociais desempenharam e seguem desempenhando um papel relevante na produção de narrativas que reforçam a economia moral do sexismo no cotidiano político brasileiro.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Sobre a sub-representação das mulheres na política brasileira

Problemas e desentendimentos no mundo real da política democrática aparecem e são abordados no contexto de uma determinada história de sedimentação de desigualdades estrutural injustas (...) que ajudam a definir as prioridades da agenda e restrições de alternativas que os atores políticos podem considerar em suas deliberações. Quando é assim, tanto a agenda deliberativa quanto os constrangimentos institucionais que espelham devem estar sujeitos à crítica, protesto e resistência (YOUNG, 2001, p. 682. Tradução livre¹).

A questão da representação política tornou-se crucial nos debates feministas ocidentais ao menos desde a chamada “primeira onda” do feminismo, cuja prioridade foi a de ampliar os direitos de voto das mulheres. Como argumentou Luis Felipe Miguel (2010), o acesso eleitoral não foi suficiente para eliminar a assimetria de gênero em posições políticas, levando à defesa de ações afirmativas implementadas em vários países. No Brasil, nem mesmo a lei que estabelece cotas de gênero para eleições parlamentares, promulgada pela primeira vez em 1995, resultou em uma transformação significativa da disparidade de gênero nas eleições. Vereadoras, deputadas e senadoras não ultrapassam 15% das composições legislativas. Na última legislatura, em 2014, a Câmara Federal contava com 43 mulheres – o equivalente a 8,7% num universo de 513 deputados. No Senado, as mulheres mantiveram aproximadamente 16% das cadeiras (13 de 81) no mesmo pleito eleitoral.

Diante desse cenário, reconhecemos a necessidade de continuar a promover a discussão sobre a sub-representação de mulheres nos espaços de poder. As produções acadêmicas têm atuado na agenda pública de diversos países ao redor do globo denunciando os aspectos misóginos da política eleitoral e propondo projetos alternativos para aumentar a presença das mulheres nas tomadas de decisão. Iris Marion Young (1994, 2001, 2006) projetou-se neste campo como uma das principais referências teóricas sobre representação. Um dos pressupostos fundamentais na abordagem de Young, contrapondo-se à perspectiva habermasiana, enfatiza que a democracia não

¹ No original: “Problems and disagreements in the real world of democratic politics appear and are addressed against the background of a given history and sedimentation of unjust structural inequality (...) which helps set agenda priorities and constrains the alternatives that political actors may consider in their deliberations. When this is so, both the deliberative agenda and the institutional constraints it mirrors should themselves be subject to criticism, protest, and resistance”.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

pode ser entendida meramente como um processo comunicativo com objetivo decisório. A representação política, no entendimento da autora, não equivale nem à “substituição” nem à “identificação”. Trata-se, ao contrário, “de um relacionamento diferenciado entre atores políticos engajados em um processo que se estende no espaço e no tempo” (YOUNG, 2006, p. 142). A inserção da temporalidade e da espacialidade, inspirada em Jacques Derrida, implica considerar, nos termos da autora, dimensões de autorização e de prestação de contas no relacionamento entre representantes e representados, legitimando o afastamento entre ambos como parte necessária do processo político.

Conceitualizar o representante puramente como um delegado com um mandato inequívoco, ou inteiramente como um fiduciário que age tão-somente de acordo com suas próprias luzes, dissolve o significado específico da atividade representativa. A representação eficaz fica entre uma coisa e outra e incorpora ambas. A responsabilidade do representante não é simplesmente expressar um mandato, mas participar das discussões e debates com outros representantes, ouvir suas questões, demandas, relatos e argumentos e com eles tentar chegar a decisões ponderadas e justas (YOUNG, 2006, p. 154).

Desse modo, Young argumenta que uma representação socialmente justa deve incluir grupos sociais diferenciados e, por isso, defende políticas da diferença para garantir a expressão da diversidade². O que não significa, entretanto, que a autora ignore a controvérsia estabelecida entre a representação não-identitária e a legitimidade da reivindicação representativa. Afinal, como indaga Young (2006, p. 179), seria mesmo “necessário que a pessoa que representa a perspectiva de um grupo social num determinado contexto político seja um membro daquele grupo?”.

Young identifica como uma das principais objeções contra políticas de representação especial de grupos minoritários a proposição de que tais ações antes ensejam do que reduzam as diferenças sociais. Por exigir a unificação de uma identidade, o próprio processo representativo poderia recriar exclusões opressivas. De fato, a história do movimento feminista é facilmente mobilizável para explicitar que o “consenso” sobre bandeiras é muitas vezes construído em detrimento de experiências não hegemônicas (HOOKS, 1989; BUTLER, 1999).

² Conforme Young (1990, p. 42-48), políticas de diferença ou a “politização de diferenças” estão relacionadas com “a inclusão de grupos sociais que sofrem de desvantagens estruturais na sociedade com base em fatores moralmente arbitrários, como, por exemplo, gênero, raça, na esfera pública”.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Para sanar esse impasse político-teórico, Young elabora uma sutil, mas crucial, distinção conceitual. Antes de mais nada, ela reconhece que grupos desfavorecidos não compartilham *interesses* ou *opiniões*, mas seu posicionamento estrutural e compreensão situada fundamentam uma *perspectiva* comum, cuja inclusão na discussão política não é irrelevante. *Perspectiva* é o conceito mobilizado por Young para descrever o caráter compartilhado dentro dos grupos sociais, que seria resultante de sua posição na estrutura social.

Representar um interesse ou uma opinião geralmente envolve promover certos desdobramentos específicos no processo de tomada de decisões, ao passo que representar uma perspectiva geralmente significa promover certos pontos de partida para a discussão. A partir de uma determinada perspectiva social um representante coloca certos tipos de questões, relata certos tipos de experiência, retoma uma determinada linha de narrativa histórica ou expressa um certo modo de olhar as posições de outrem (YOUNG, 2006, p. 167).

Nesse sentido, o conceito de interesse seria a mais tradicional das ferramentas analíticas para interpretar a representação política. O termo está relacionado àquilo que é necessário ou desejado para os fins propostos, o que afeta ou é importante para indivíduos ou organizações. Trata-se, portanto, de metas conscientemente elaboradas como meios para se atingir determinados fins. Complementar ao conceito de interesse, Young utiliza o termo opinião para se referir ao conjunto de princípios, valores e prioridades que também governam as práticas decisórias; ou seja, aquilo que fundamenta ou condiciona os fins que devem ser buscados.

A categoria perspectiva é igualmente mobilizado em sua teoria para descrever o caráter compartilhado pelos grupos sociais a partir de suas posições na estrutura social. Desse modo, por meio da distinção analítica entre perspectivas, interesses e opiniões, Young enfatiza as consequências de longo alcance da sub-representação das mulheres na política.

Quando certos grupos sociais conseguem dominar as discussões e as decisões políticas, suas perspectivas sociais definem prioridades políticas, os termos em que são discutidos e o conceito de relações sociais que enquadra a discussão. Ao mesmo tempo, essas perspectivas muitas vezes não são reconhecidas como uma forma específica de olhar para as questões em discussão, mas são tomadas como neutras e universais (Young, 2006, p.174. Tradução livre)³.

³ No original: “[W]here certain structural social groups managed to dominate discussions and policy decisions, their social perspectives often define political priorities, the terms in which they are discussed and the concept of social



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

A sub-representação das mulheres na política brasileira é expressa tanto quantitativa quanto qualitativamente, pois questões “femininas” também estão sub-representadas na agenda pública. Luis Felipe Miguel e Luiz Augusto Campos (2008), por exemplo, argumentam que as agendas feministas não estão incluídas no debate político brasileiro. As demandas mais acaloradas são silenciadas para evitar conflitos, caracterizando uma verdadeira limitação imposta pelo próprio campo político, uma vez que deputados e deputadas dependeriam de alianças com grupos conservadores ou precisariam manter certa imagem construída durante a campanha. Os autores defendem que a ausência de temas como aborto, submissão familiar e desigualdades no mercado de trabalho ocorrem porque as deputadas não teriam interesse em assumir os riscos políticos de entrar nestas discussões. O fato da ex-presidenta Dilma não se identificar como feminista poderia ser lido nesse registro interpretativo.

Em pesquisas sobre capital social e representação política no Brasil, Sacchet (2009) aponta que gênero é uma categoria importante para investigar o engajamento cívico no país. Segundo a autora, homens e mulheres tendem a participar de associações de cunho distinto: eles preferencialmente voltados para a esfera pública (como política, trabalho, lazer) e elas em círculos relacionados à família e à comunidade. Neste sentido, a participação feminina privilegia grupos homogêneos nos quais prevalecem relações pessoais de suma importância para a prática cotidiana, mas que são menos efetivas para angariar dividendos político-eleitorais. A análise de Sacchet permite identificar os processos por meio dos quais os homens se inserem em redes impessoais e heterogêneas, cujas articulações financeiras e políticas são muito mais significativas para disputas eleitorais.

A sugestão aqui não é que os grupos nos quais as mulheres participam sejam menos importantes e que, portanto, o tipo de CS [capital social] que as mulheres acumulam é menos valioso do que o dos homens. Também não se trata de valorizar o político em detrimento do social, ou de recomendar que as mulheres adotem os mesmos métodos e estratégias de chegada ao poder que os homens. Trata-se, porém, de refletir sobre como as relações sociais tradicionais influenciam e são reproduzidas nos modelos atuais de participação e representação política, e quais suas consequências (SACCHET, 2009, p. 328).

relations that frames the discussion. At the same time, these perspectives are often not recognized as a specific way of looking at the issues at hand, but taken as neutral and universal”.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Em levantamento comparativo do impacto das leis de cotas no Brasil e na Argentina, Clara Araújo (2010) investiga o relativo insucesso das estratégias estatais de inclusão das mulheres no poder legislativo brasileiro. Dentre outros fatores, a autora argumenta que as linhagens geracionais são características marcantes da política, sendo a perpetuação de feudos políticos e a operacionalidade da política como “propriedade familiar” uma prerrogativa com impacto significativo na escolha dos/as candidatos/as no Brasil. Apesar da existência de outras rotas de ascensão política não-familiares, é relevante questionar o papel de um patriarca ou líder no engajamento político e como mulheres e homens articulam sua posição individual em relação à linhagem ou descendência política. Ao entrevistar deputadas e deputados federais, Araújo verifica que a influência do líder é mais marcante no discurso das mulheres, enquanto os homens não assumem tão claramente essa relação de patronagem, formulando sua atuação política como projeto pessoal relativamente autônomo. A associação entre Dilma e Lula é muito significativa neste aspecto e foi, como veremos, uma característica depreciada nos *memes* analisados.

Uma das consequências mais relevantes do engajamento político diferenciado de mulheres e homens diz respeito à cobertura midiática. Segundo Claudia Maria Finamore e João Eduardo Coin de Carvalho (2006), a disparidade de gênero é um dos principais mediadores da representação de candidatos/as a cargos públicos. A cobertura jornalística associa mais imediatamente as candidatas a estereótipos do senso comum (a mulher restrita à vida privada), ao passo que os candidatos não são submetidos com tanta ênfase a marcas preconcebidas. “Isso sinaliza a presença de um discurso ‘masculino’ sobre as mulheres que vem sendo construído e mantido, enquanto que os homens são muitas vezes preservados de marcas discriminatórias” (FINAMORE, CARVALHO, 2006, p.353). De acordo com os autores, uma candidata tem muito mais probabilidade de ser descrita em termos de sua vida pessoal, aparência e personalidade do que um candidato. O conjunto dessas análises empíricas reforça o argumento de Young sobre a reprodução de uma perspectiva hegemonicamente masculina que tona mais difícil a expressão de interesses e opiniões femininas, tratando-os como especificidades distantes da normalidade ou do “interesse comum”.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli (2009) demonstram que, quando eleitas, as mulheres tendem a atuar em áreas consideradas de menor relevância, recebendo menos atenção jornalística, ao passo que os homens, em geral, se concentram em temáticas que convergem para a promoção de suas carreiras políticas, nas quais a visibilidade da mídia é fator crucial. Economia e política, consideradas questões centrais, são tratadas pelos jornais como arenas tipicamente masculinas, reforçando a desigualdade entre homens e mulheres. Pesquisando em revistas e telejornais brasileiros, os autores concluem que a cobertura televisiva acentua a sub-representação das mulheres na política, na medida em que há menos deputadas e senadoras presentes nos noticiários do que no Congresso Nacional.

Como regra, as mulheres que ingressam na arena política não tardam a perceber o ônus que representa um enfrentamento aos estereótipos de sexo. Os meios de comunicação, o Estado, os partidos e o próprio eleitorado mostram-se mais confortáveis diante de mulheres que correspondem àquilo que se espera delas, e esse é um fator que pesa nas suas chances de êxito eleitoral e político” (MIGUEL; BIROLI, 2009, p.70).

Além disso, ainda de acordo com a argumentação dos autores, os parâmetros de julgamento não são os mesmos para políticos e políticas. A vida privada/familiar e o trato social são enfatizados no caso feminino, em conformidade com as expectativas de “polidez” e “cuidado” das relações sociais generificadas; ao passo que “habilidade técnica” e “firmeza” são as qualidades masculinas tipicamente destacadas. Em paralelo, a dimensão corporal é marcante na produção identitária feminina, sendo esse aspecto extensivo às mulheres candidatas ou eleitas – sem contrapartida com os corpos de políticos homens.

Nossa pesquisa participa dos esforços analíticos aqui apresentados ao problematizar a dimensão midiática *on-line*, na qual produção, consumo e difusão estão organizados de maneira menos centralizada e onde anonimato de formatos como *memes* pode acentuar a “mística” da opinião pública como algo homogêneo e tangível. Desse modo, nos interessou indagar: como a misoginia política se articula nesses discursos? Quais representações coletivas foram difundidas pelos *memes* que zoaram com a imagem da então Presidenta da República? A vitória das narrativas de oposição ao governo de Dilma ativou que afaetos e que sensibilidades acerca das disputas políticas no Brasil? Quais moralidades estariam emergindo do processo que levou ao *impeachment*



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

de Dilma Rousseff? Sexismo, misoginia, machismo, afinal, como podemos compreender os significados da enunciação de um humor tão carregado de preconceitos de gênero nas redes sociais? Mesmo reconhecendo a pluralidade das práticas de produção e de recepção desses *memes* no ciberespaço, optamos por concentrar nossa investigação naqueles que representaram posições contrárias a Presidenta para refletir sobre as novas formas digitais da violência de gênero e seus impactos sobre a representação de mulheres na política do país.

A economia moral do sexismo na era das redes sociais

Em vez de provocar o questionamento dos mecanismos através dos quais se dá o próprio fazer político – revelando como a perpetuação de desigualdades estruturais opera dentro do paradigma político dominante e propondo outra maneira de fazer política –, as políticas de diferença foram reduzidas a uma espécie de instrumento de ação entre outros, como se fossem medidas que podem ou não vir a ser adaptadas a um modo de funcionamento político já estipulado de antemão. (TOSOLD, 2012, p. 199).

A despeito das profundas desigualdades, diferenças e desconexões presentes em nossa sociedade, a relação com as mídias digitais constitui uma prática cultural já arraigada no cotidiano de um enorme contingente de pessoas no Brasil. Categorias analíticas como ciberativismo, ciberdemocracia e cidadania digital são exemplos de formulações teóricas recentes que procuraram interpretar esse fenômeno e lhe conferir sentidos particulares nos processos decisórios, eleitorais e na própria configuração da agenda pública do país. Tais formas de participação eletrônica pressupõe a apropriação dessas mídias por parte de indivíduos ou de coletivos que reconstroem o social na mediação com o universo *on-line*, produzindo manifestações políticas variadas por meio da experimentação de tecnologias e de modelos sociais. Desse modo, considerar os usos políticos das tecnologias digitais implica em reconhecer que essas ferramentas não possuem um sentido único, coerente e estável, mas apenas em relação aos mundos sociais nos quais se inserem. Afinal, como qualquer outra ferramenta de comunicação, o digital é um objeto relacional que ativa socialidades diversas e possibilita múltiplas práticas de significação e de ressignificação.

Neste artigo, realizamos uma análise de *memes* que circularam pelo ciberespaço entre 2014 e 2016 e contribuíram para a criação e a difusão de representações negativas sobre o contexto político nacional e uma personalidade política em particular, a então presidenta Dilma Rouseff. Essas produções foram coletadas em redes sociais, especialmente no *facebook* e no *instagram*. O objetivo não foi o de abarcar uma suposta totalidade cultural para lidar com todas as expressões do sexismo que pairam sobre a política brasileira, mas simplesmente o de construir um repertório denso e preocupante para colocá-lo em discussão.

Memes podem ser definidos como produções culturais que se multiplicam através da recriação de outras produções já existentes por intermédio da imitação cômica, satírica ou irônica de seus elementos. No circuito das redes sociais, a sua popularidade parece depender da enunciação eficaz de certo humor ou comicidade que permite a objetificação estereotipada com a finalidade de promover a brincadeira, o riso, o deboche, a zoeira, o pastiche para quem se identifica com os conteúdos transmitidos. Cada *meme* pode ser compartilhado e modificado milhares de vezes, gerando efeitos diversos e potencialmente contraditórios. Em seu conjunto, entretanto, eles operam como narrativas que participam decisivamente da construção de imaginários, de sensibilidades e de representações coletivas acerca de determinados acontecimentos, relações e sujeitos sociais. Assim, analisar os sentidos que essas produções adquiriram entre os anos de 2014 e de 2016 na esfera pública do país pode ser uma forma de interpretar as dinâmicas contemporâneas da política brasileira e próprio lugar conferido à figura da mulher e do feminino em inúmeras narrativas que foram compartilhadas nas redes sociais.



Figura 1 – Despersonalização e Invisibilização

Os *memes* apresentados na Figura 1 revelam manifestações que contestaram a posição política ocupada por Dilma Rouseff através de sua despersonalização enquanto governante, tornando-a invisível. Invizibilizar é uma maneira de tornar a pessoa insignificante (As, 2004). O que acabou ocorrendo por meio da relação de dependência que vinculava Dilma ao ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva. As principais características de Dilma (seu terno vermelho e cabelos curtos) são misturadas ao rosto de Lula. A primeira representação também faz referência à polêmica sobre a ortografia do termo presidente. Quando Dilma assumiu o cargo procurou “feminilizar” o cargo, exigindo ser chamada de “presidenta”; recomendação que não foi seguida pelos meios de comunicação opositores ao seu governo. No *meme* considerado, essa controvérsia é tomada de forma irônica, criando um oxímoro de gênero que é destacado pela sobreposição do rosto de Lula em Dilma. A segunda representação marca a subordinação através dos dizeres: “Confessarei algo... Eu nunca saí!”. A terceira, que apresenta um chimpanzé em posição reflexiva, caçoa do dedo mínimo ausente na mão esquerda de Lula, perdendo em um acidente de trabalho, remontando um imaginário religioso através da provocação: “Eu estava aqui pensando ... Deus fez Eva da costela de Adão. O diabo fez Dilma com o dedo de Lula?”.



Figura 2 – Incapacidade e Ridicularização

A Figura 2 retrata outras maneiras de contestar a autoridade de Dilma, suprimindo suas capacidades políticas através da ridicularização. Todos os *memes* que coletamos ao longo da pesquisa poderiam ser considerados como exemplos dessas tentativas de ridicularizar que veiculam uma ideia de incapacidade, mas selecionamos três deles que nos pareceram mais significativos para compor esta Figura. No primeiro, o rosto resignado de Dilma aparece no fundo de um vaso sanitário em uma representação escatológica do lugar conferido a ela no processo de crise política do país. No segundo, sua expressão é transfigurada, com o acréscimo de chifres e de língua bifurcada na tentativa de fazê-la parecer demoníaca, irritada. O terceiro *meme* ampara a sátira na legislação brasileira que proíbe a demissão de uma funcionária quando ela está grávida. Essas formas de ridicularização não são apenas depreciativas, mas oferecem possibilidades limitadas de resposta, uma vez que uma reação crítica poderia facilmente ser desprezada como grosseira, amarga ou sem humor.



Figura 3 – Desinformação e Emotividade

A Figura 3 reúne representações que desautorizam a posição de liderança de Dilma em suas capacidades cognitivas, transmitindo ideias de ingenuidade e emotividade que estão articuladas à imaginários que constroem o feminino a partir da desorientação espacial e emocional. Ao representar dificuldades em se orientar, o primeiro *meme* expressa não apenas a posição ideológica atribuída à partidos de esquerda no Brasil, tradicionalmente associados com a revolução socialista de Cuba, mas também os supostos riscos de que ela se engane ou cometa erros por estar desinformada e precisar da ajuda de homens mais velhos e aparentemente localizados. No segundo

memes, sua imagem é associada com a frase: “Dilma chora e diz que tudo é golpe político”, expressando tanto uma dimensão retórica do termo “golpe” quanto a ideia de que decisões importantes estariam sendo tomadas, mas a emotividade da presidenta a impediria de compreender racionalmente o que estaria acontecendo. Em casos como esses, há uma engenharia narrativa que ironiza a suposta “falta de conhecimento” de Dilma e das mulheres na política do país.



Figura 4 – Condenar duplamente

A Figura 4 expressa tentativas de pré-condenar Dilma, transmitindo a mensagem de que ela seria essencialmente ou conscientemente má. Como já observou Berit As (2004), a sensação de que “não importa o que eu faça, estou sempre errada”, estaria relacionada com certo sentimento comum entre aquelas que são “condenadas duplamente”; ou seja, por seu suposto caráter individual e por sua identidade de gênero. Inversamente, as narrativas acabam ativando certo imaginário que posiciona políticos homens como sujeitos que sempre “fazem o que é certo”, não importando efetivamente o que eles façam. Desse modo, a ironia implícita nesses três *memes* – que correlacionam estereótipos de mães malvadas, mal amadas, sem vida sexual, histéricas ou psicóticas – termina por sujeitar a figura pública de Dilma a certa ideia de culpa que não é só dela, também dos tipos de mulher que representaria. A reiteração de imagens negativas sobre feminilidade é parte do que Young descreve sobre a manutenção das estruturas de poder excludentes calcadas nos interesses, opiniões e perspectivas normalizadas e universalizadas, ignorando a história de desigualdades estruturais que reproduzem a baixa representatividade das mulheres na política brasileira.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

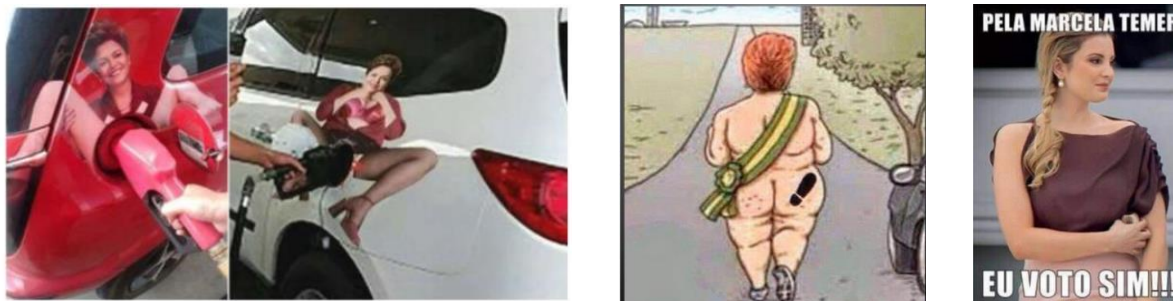


Figura 5 – Objetificar e Sexualizar

A Figura 5 aciona modos de representação que configuram uma narrativa sexualiza Dilma e objetifica a participação de mulheres na política brasileira. Objetificar, nestes casos, é um dispositivo de quem observa e avalia as imagens sexualizadas. Uma pessoa que é objetificada tende a ser julgada como alguém que deve ser olhada, em primeiro lugar, e significada a partir de sua aparência. Por isso mesmo, seu comportamento está relacionado com a “qualidade do panorama” que cada imagem oferece (Berger, 1999; Goellner, 2007). O imaginário de sexualização das mulheres, típico do repertório imagético ocidental e ocidentalizado, está sendo denunciado pelo menos desde a segunda onda do movimento feminista, em meados da década de 1960, e se ancora na competitividade entre mulheres pela atração dos olhares masculinos. Isso se relaciona profundamente com a cultura do estupro e com a abjeção a corpos de mulheres que não se conformem aos padrões de beleza consagrados. A imagem da presidenta de pernas abertas, salto alto e lingerie usada em carros e que se tornou *meme*, apresentada na Figura 5, traz implícito o registro da sexualidade como exercício de poder masculino, usado para ridicularizar inclusive a presidenta-fetichizada em vermelho. Por outro lado, o segundo *meme* no qual Dilma aparece nua trajando apenas a faixa presidencial e um “pé na bunda” recorre a estigmatização de mulheres consideradas gordas ou feias. Esta forma de depreciação estética é potencializada ao compararmos com a circulação de outro *meme* na qual figura Marcela Temer, a esposa do vice presidente que assumiria o cargo após o golpe. Fazendo referência à votação sobre o *impeachment* no Congresso Nacional, durante o qual deputadas e deputados favoráveis ao afastamento da presidenta justificaram o voto

“sim”, o terceiro meme pretensamente valoriza a beleza de Marcela Temer ao reforçar a objetificação feminina.



Figura 6 – Ameaçar com violência

Por fim, a Figura 6 evidencia a disseminação de representações ligadas à violência física contra mulheres promovida pelos *memes* em questão. Nesse sentido, a primeira imagem transfigura as disputas político-partidárias em relações de força que não apenas nocauteiam o governo do PT, mas também ferem fisicamente sua representante, Dilma Rousseff. Na segunda imagem, essa representação de violências potenciais contra mulheres adquire conotações reais com a utilização de uma fotografia da presidenta. Na terceira, a evocação da metáfora do “chutar” alguém de algum lugar *impeachment* para retirar a pessoa de um cargo ou uma posição também ganha uma existência material com a composição de imagens que mostram uma prática concreta. No último *meme*, a frase “Bruno, por favor, engravide a DILMA!!! ... o resto é com o macarrão!”, com a imagem de Dilma grávida, transforma em chacota e arma política práticas históricas de violências cometidas contra mulheres no Brasil. O *meme* faz referência ao ex-goleiro de futebol Bruno e de seu colega Macarrão, condenados por sequestro, cárcere privado e homicídio de Eliza Samudio em 2013, modelo que estava grávida de Bruno.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Consirações finais



Apelos misóginos da revista IstoÉ

Em surto de descontrole, com a iminência das lutas pela democracia e completamente fora de si, a revista IstoÉ rompe com os limentes do jornalismo ético e, por falta de credibilidade, assume como pauta editorial o machismo para atacar a primeira presidenta do Brasil, perdendo também as condições de divulgar informação qualificada e se diferenciar do golpismo midiático do país

O humor político praticado nas redes sociais contra Dilma Rousseff entre os anos de 2014 e 2016, para nos restringirmos apenas ao período estudado, é sem dúvida atravessado por estereótipos sexistas e misógenos. Tais estereótipos participaram da campanha pública que legitimou o golpe contra Dilma e, assim, adquiriram certo destaque no cotidiano midiático das redes sociais. Suas consequências sobre as sociabilidades cotidianas, no entanto, não podem ser reduzidas a um único sentido. Ainda que aquilo que se considera risível nessas produções culturais possa ser considerado como uma expressão representativa de nossa sociedade patriarcal, enraizada em valores e práticas sexistas, o riso também encerra uma resposta pronta e fluida à rigidez das relações generificadas que se reproduzem na e pela ideologia da dominação masculina. O problema, contudo, parece ser aquele que Henry Bergson (2004, p. 2) denunciou ao analisar o cômico na vida moderna: “a indiferença é seu meio natural”. Ou seja, os risos potencialmente desencadeados pelos *memes* que reificaram Dilma a partir de certos estereótipos podem ser considerados como gestos sociais que



despertam insensibilidade diante da violência estrutural das relações de gênero no país. Mas esses memes também geraram reações diversas de risos.

Considerar os efeitos causados por essas produções culturais digitais nas percepções a respeito da política brasileira e, sobretudo, das mulheres na política brasileira, parece ser uma questão urgente para os feminismos do país. Para isso, contudo, é necessário deslocar a centralidade atribuída aos atores tradicionais da política (elites, instituições, mídias tradicionais) e restituir o papel ativo que internautas estão desempenhando no jogo complexo das relações de poder que organizam nossa sociedade. Portanto, mais do que interpretar o que cada *meme* expressa ou deixa de expressar, procuramos compreendê-los no interior dos processos de apropriação e de recriação que eles suscitam em seu conjunto. Trata-se, evidentemente, de um uso social que está relacionado com possibilidades desiguais de acesso à internet, com a natureza técnica das diferentes mídias digitais e com as habilidades heterogêneas de usuários para produzir e decodificar os conteúdos difundidos. Contudo, trata-se também de uma experiência subjetiva que as pessoas mantêm com outras pessoas e com si mesmas através de suas máquinas e interfaces.

Como já observou Michel de Certeau (1996), a mudança cultural se manifesta principalmente nas incontáveis maneiras de se fazer e de se desfazer das atividades ordinárias, pois são elas as principais responsáveis pelas transformações nos afetos e nas sensibilidades por meio das quais tomamos consciência dos aspectos plurais e conflitivos da realidade em que vivemos. Essas práticas cotidianas hoje ocorrem “dentro” e “fora” das telas de computadores, de *tablets* e de *smartphones*, gerando produtos, performances e narrativas que atravessam descontinuamente as relações *on-off-line*. Os *memes* são um desses produtos digitais que propiciam performances, marcam posições ideológicas e ensinam narrativas coletivas que concorrem para desencadear os processos de representação política no Brasil. Portanto, refletir sobre o modo como eles participam da vida política e como afetam as sensibilidades e as percepções das pessoas não é um desafio meramente metodológico, mas também ético e epistêmico, já que permitem entrever as micropolíticas que emergem da economia moral da pretensa multidão.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Neste processo coletivo de circulação de sentidos concorrentes, também este artigo circula enquanto produção cultural que multiplica as interpretações através da recriação de *memes* recontextualizando-os por intermédio de triagem, análise e crítica de seus conteúdos. Nosso trabalho participa, portanto, dos esforços teóricos e analíticos feministas que trabalham para transformar e transgredir a política institucional tal como a conhecemos. Importante enfatizar que, apesar de não ter sido contemplada no escopo da presente pesquisa, a produção feminista também tem ativado as redes sociais e mídia digital – criticando enquadramentos machistas, contestando apelos misóginos, reivindicando retratação, deslocando os parâmetros de (des)legitimação e criando formas alternativas de humor (*memes* inclusive).



Bibliografía

- ARAUJO, Clara. Rotas de ingresso, trajetórias e acesso das mulheres ao legislativo: um estudo comparado entre Brasil e Argentina. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 18, n. 2, ago. 2010.
- ÅS, Berit (2004). "The Five Master Suppression Techniques". In Evengård, Birgitta. *Women In White: The European Outlook*. Stockholm: Stockholm City Council. pp. 78–83.
- BERGER, John. *Modos de ver*. Rocco: Rio de Janeiro, 1999.
- BERGSON, Henry (2004). *O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes.
- BUTLER, Judith (1999). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York, London, Routledge.
- CAMPOS, Luiz Augusto; MIGUEL, Luis Felipe (2008). O oito de março no Congresso: representações da condição feminina no discurso parlamentar. *Cad. Pagu* n. 31. Campinas. p. 471-508.
- CERTEAU, Michel de (1996). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes.
- GOELLNER, Silvana V.. O esporte e a cultura fitness como espaço de generificação dos corpos. In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2007, Recife. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte [e] II Congresso Internacional de Ciências do Esporte*. Recife : CBCE, 2007. v. 1. p. 1-9.
- HOOKS, bell. (1989). *Talking back: thinking feminist, thinking black*. 1st ed. Toronto, Ont., Canada: Between the Lines.
- MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia (2009). *Mídia e representação política feminina: hipóteses de pesquisa*. Opin. Publica, Campinas, v. 15, n. 1. p. 55-81.
- MIGUEL, Luis Felipe; FEITOSA, Fernanda (2009). *O gênero do discurso parlamentar: mulheres e homens na tribuna da câmara dos deputados*. Dados n. 1, vol. 52. p. 201-221.



MIGUEL, Luis Felipe (2010). *Perspectivas sociais e dominação simbólica: a presença política das mulheres entre Iris Marion Young e Pierre de Bourdieu*. Revista de Sociologia e Política vol. 18, n. 36. Curitiba. p. 25-49.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Mídia e representação política feminina: hipóteses de pesquisa. *Opin. Publica*, Campinas, v. 15, n.1, jun. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762009000100003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 15 jul. 2011.

OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida de; RUGGI, Lennita Oliveira (2011). *Baton na primeira página: a vitória de Dilma Rousseff noticiada pelos jornais impressos brasileiros*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1014-1.pdf>

PANKE, Luciana. *Campanhas eleitorais para mulheres: desafios e tendências*. Curitiba: Ed. UFPR, 2016.

RUGGI, Julia de Oliveira (2015). *Comissões permanentes da Câmara dos Deputados e Legislação sobre Gênero (2011-2012)*. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://www.cienciapolitica.ufpr.br/ppgcp/wp-content/uploads/sites/4/2016/02/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Julia-de-Oliveira-Ruggi.pdf> Acesso em: 13.09.2017

RUGGI, Lennita e RUGGI, Julia (2013). *Políticas de gênero em comissões legislativas: um estudo sobre representação democrática no congresso nacional*. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373337158_ARQUIVO_ruggieruggiversaofinal.pdf Acesso em: 13.09.2017. SACCHET, Teresa (2009). *Capital social, gênero e representação política no Brasil*. Opin. Publica, Campinas, v. 15, n. 2. p. 306-332.

TOSOLD, Léa (2012). Do problema do essencialismo a outra maneira de se fazer política. In: BIROLI, Flavia; MIGUEL Luis Felipe (orgs.). *Teoria política e feminismo abordagens brasileiras*. Vinhedo, p. 189-209.

YOUNG, Iris Marion (1994). *Thinking about women as a social collective*. Signs, vol. 19, n. 3. Chicago. p. 713-738.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

_____ (2001). *Activist challenges o deliberative democracy*. Political theory, v. 29, n. 5, p. 670-690.

_____ (2006). *Representação Política, identidade e minorias*. Revista Lua Nova n. 67. São Paulo. p. 139-190.